

A INFLUÊNCIA DA CULTURA ESCOLAR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Carlos Henrique de Sousa Barbosa ¹
Emanuelle Oliveira da Fonseca Matos ²

RESUMO

Esta pesquisa aborda a influência da cultura escolar como fator fundamental no ensino-aprendizagem. Os objetivos da pesquisa é perceber de que forma é construída a identidade cultural da escola. De forma mais específica: conhecer a percepção sobre multiculturalismo; identificar a relação entre cultura local e a identidade da escola; verificar como é inserido o contexto social no processo de ensino e aprendizagem. Quanto ao desenho, trata-se de uma pesquisa social de cunho qualitativo, classificada como exploratória, pois visa proporcionar uma visão aproximada do objeto de pesquisa, assim como também uma pesquisa bibliográfica e de campo. O local da pesquisa foi uma escola particular localizada no bairro Parque Manibura, Fortaleza-Ce. Os participantes foram dois professores do 4º e 5º ano do ensino fundamental e o coordenador pedagógico. A coleta dos dados foi realizada por meio de aplicação de questionário aberto. Conclui-se que, dentro da cultura escolar da instituição pesquisada, a escola é capaz de relacionar o contexto social com as ações voltadas para o processo de ensino e aprendizagem. Foi percebido também que a formação docente é um fator primordial na construção da identidade do docente e da escola, uma vez que a reflexão é instrumento de construção de um pensamento crítico, imbuindo os sujeitos de competência para agir de forma consciente na sociedade e nas relações culturais.

Palavras-chave: Cultura, Ensino, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A evolução do homem e suas tecnologias têm constantemente mudado a maneira como pensamos a educação, as relações humanas, o modelo de sociedade e os valores inseridos nesta, como também a cultura presente. Dessa forma, para que possamos compreender como acontece a inserção da cultura escolar no processo de ensino e aprendizagem faz-se necessário o diálogo com os conceitos, buscando refletir acerca das relações culturais existentes como também o papel da escola frente às propostas para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, tendo como base as culturas ali existentes.

A escola é uma parte importante na construção do ser humano como participante ativo das suas relações sociais existentes, uma vez que o processo de desenvolvimento do ser ocorre na família, na escola e nas relações sociais.

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniAteneu). E-mail: carloshenrique.pedagogia@outlook.com

² Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. Email: emanuelle272@hotmail.com

Ressalta-se a relevância dessa pesquisa, no tocante de uma educação para todos, na forma de educação democrática na escola, sendo assim, sabendo que o homem é produtor de cultura, a escola recebe essas culturas como parte da sua função social. Partindo desse pressuposto, a pesquisa tem o seguinte questionamento: Como a cultura escolar é percebida e como está se insere no processo de ensino e aprendizagem? Nessa perspectiva, faz-se necessária uma reflexão acerca cultura escolar, assim como da escola no que tange o processo de uma aprendizagem contextualizada.

Partindo dessas considerações iniciais, o objetivo geral é: perceber de que forma é construída a identidade cultural da escola. Já os específicos são: conhecer a percepção sobre multiculturalismo; identificar a relação entre cultura local e a identidade da escola; verificar como é inserido o contexto social no processo de ensino e aprendizagem.

No procedimento metodológico realizou-se uma pesquisa de campo de cunho exploratório com dois professores do ensino fundamental I e o coordenador pedagógico. O lócus da pesquisa foi uma escola particular de grande porte, localizada em Fortaleza. As análises dos dados se deu através de questionários aberto, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões e expectativas dos sujeitos.

CULTURA: CONCEITO E DEFINIÇÃO

Compreende-se que desde de as primeiras formas de vida humana, o homem é capaz de criar uma cultura organizacional social; identificar meios que melhorem a relação do homem-comunidade, ou melhor, o ser como parte do convívio social e elaborar vínculos de progressão que garanta continuidade ao grupo, a sociedade passa por constantes mudanças que nos acompanham desde sempre. Posto isso, o homem é um principal instrumento de produção cultural na sociedade, logo, podemos dizer que cultura pode ser dita no sentido plural do seu conceito, como culturas, uma vez que esta está em todos os lugares de diferentes formas.

A palavra cultura, empiricamente está ligada à nossa rotina. Quando se fala que alguém tem cultura, no geral, nos reportamos ao ser intelectual, às ações de elegância, refinamento e outros adjetivos que remetem ao ser erudito em seus diferentes campos, entretanto, cultura em seu conceito antropológico, é bem mais extensiva e significativa.

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 2008, p. 4).

O autor aponta um olhar sobre a cultura como uma causa inacabada, nutrida de interpretações válidas e de subjetividades. Complementando este pensamento, Marconi e Presotto afirmam: “Para os antropólogos, a cultura tem significados mais amplos: engloba os modos comuns e apreendidos da vida, transmitidos pelos indivíduos e grupos, em sociedade” (2010, p. 21).

Deduz-se aqui que cultura é algo social e comportamental. É, também, toda a ação, gestos, comportamentos, expressões e crenças que ditam as condutas de um grupo em sociedade. Isso traz significância dos instrumentos de expansão e transmissão da cultura.

Se pronunciou entre as definições sobre agir social, sociedade ou grupo. Cultura e sociedade estão interligadas, mas cada uma tem suas originalidades e peculiaridades. É importante interpretá-las e diferenciá-las, considerando que “sociedade compreende um grupo de indivíduo” (GOMES, 2015, p.44). Nesse processo, uma pessoa é entendida como um ser no campo da subjetividade, quer dizer, ela envolve-se, colabora, integra-se diante do grupo, porém ela é única. A cultura liga todas essas individualidades. Noutros termos, “[...] a cultura seria aquilo que passa por cima dessas diferenças e faz todos se sentirem um só” (GOMES, 2015, p.44).

Valendo-se de tal compreensão, tem-se já em 1871, Edward Tylor como uns dos primeiros a formar um conceito de cultura, visto que: “[...] é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e qualquer outras que capacidades de hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade. (TYLOR *apud* GOMES, 2015, p. 33).

Edward Tylor formaliza e deixa sua definição de cultura bem mais ampla e extensa para o campo antropológico. Tylor foi o primeiro a dar uma definição considerada compreensível à visão dos antropólogos.

Dada tal definição, pode-se pensar e interpretar cultura como um grupo de indivíduos que, entre a sociedade, adquire conhecimentos, transpassa, convive e garante a continuidade do grupo, seguindo as leis de convivência e as leis constitucionais.

Cultura está presente em todos os espaços onde há um convívio social, ou seja, uma sociedade. A escola também é um espaço social e que tem cultura própria e recebe cultura da

comunidade que nela se integra. Sabendo que antes da escolarização, a formação de valores e caráter culturais desse indivíduo que chega, acontece fora da escola.

Frente as análises citadas, é presumível que a cultura que entra na escola através dos discentes, podem ter grandes relevância no processo de ensino-aprendizagem.

A CULTURA ESCOLAR E O MULTICULTURALISMO

Os termos cultura escolar e multiculturalismo acompanham a escola e a sociedade. Para identificar o que se denomina de cultura escola e multiculturalismo na escola, é relevante saber que para cada escola, sua cultura que prevalece, isto é, cada instituição escolar atende sua cultura, isto é, cultura própria. Cada escola identifica os processos culturais que recebe, o chamado multiculturalismo na escola. Frente a isso o projeto pedagógico da escola deve propor uma emancipação cultural face à sua realidade de cada aluno. Todos fazem parte e são responsáveis pela cultura ali transpassada, visto que a cultura é coletividade e atende a todo o ambiente escolar, ou seja, alunos, pais, corpo docente, e corpo administrativo. Todos são responsáveis, logo:

Os principais elementos que desenham essa cultura seriam os atores (famílias, professores, gestores e alunos), os discursos e as linguagens (modo de conversação e comunicação), as instituições (organização escolar e o sistema educativo e as práticas (pautadas de comportamento que chegam a se consolidar durante um tempo (SILVA, 2006, p. 202).

Então, o que promove e forma a escola como mantenedora de cultura são todos aqueles que fazem parte dela, que dialogam, cuidam, estudam, ensinam, enfim, todos que estão ligados de alguma forma.

O fato de dar ênfase a escola como um lugar cultural, parte da razão de entender que a escola não é apartada dos processos sociais e culturais. Esse processo dialógico acontece pela peculiaridade da escola, cultura escolar e cultura.

Parto da afirmação de que não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa. Neste sentido, não é possível conceber uma experiência pedagógica 'desculturizada', isto é, desvinculada totalmente das questões culturais da sociedade. Existe uma relação intrínseca entre educação e cultura (CANDAUI, 2008, p. 13).

A concepção acima reforça a ideia da escola como um gerador e receptor de culturas e suas dessemelhanças. Para que isso ocorra, ela precisa ser um ambiente propício ao diálogo, em que todos possam expor suas ideais e valores.

De encontro com essa percepção Julia (2001) a credita que a cultura escolar é um conjunto de práticas e normas que determinam os conhecimentos que devem ser ensinados e as condutas a serem inculcadas de forma coordenada, indicando as práticas para desenvolver e transmitir esses conhecimentos e a absorção desses comportamentos, que variam conforme a sociedade e a época em que se vive.

Por meio das definições e contextos percorridos, entende-se que: a) a escola é uma instituição historicamente situada como local também de cultura própria; b) a cultura que faz parte da sociedade e entra na escola; c) na escola ocorre o fenômeno intitulado de multiculturalismo. Vejamos a diante.

Multiculturalismo por sua vez passa ser empregado no sentido do seu conceito na década de setenta.

A maior parte das sociedades – que, do ponto de vista cultural, não é homogênea – é ‘multicultural’ no sentido descritivo do termo. Foi, no entanto, no sentido normativo e ideológico que o termo tem sido profusamente utilizado desde a década de 1970 (RAVEAUD, 2011, p. 592).

Os estudos sobre multiculturalismo apontam que o termo é plural, ou seja, não há como defini-lo apenas com único conceito, logo “O termo ‘multiculturalismo’ é polissêmico e se vincula a posições políticas aparentemente distintas. Nesse sentido, mais do que multiculturalismo, haveria multiculturalismos” (FONTE; LOUREIRO, 2011, p. 178).

Neste texto, multiculturalismo será apresentado como a diversidade cultural. Sabendo que todo indivíduo que faz parte da sociedade traz consigo uma cultura enraizada, encontra outras formas culturais, se relaciona com elas e interagem. Assim aprendem e socializam entre eles. Nessas circunstâncias, toda a dinâmica humana frente à contextos históricos-sociais diferentes, porém socializados, o termo multiculturalismo muda de sentido, essa qual cultura(s) forem. “Nesse contexto, ele sugere a substituição e multiculturalismo por interculturalismo, porque esse segundo termo denota o caráter de relação dinâmica, reacomodações e reajustes entre as culturas (sua hibridização) (FONTE; LOUREIRO, 2011, p. 178).

Dialogamos com a cultura que entra nas escolas de acordo com a comunidade que a mesma é inserida, levando em consideração processos culturais diversos. Sendo assim, a função da escola frente as várias formas de interações culturais têm um papel de intermediar as culturas existentes e levar traços de entendimento de uma cultura para a outra, assim como resolver

conflitos, caso haja, e apresentar propostas de entendimento do outro como parte da escola e parte da sociedade democrática.

O/a educador/a tem o papel de mediador na construção de relações interculturais positivas, o que não elimina a existência de conflitos. O desafio está em promover situações em que seja possível o reconhecimento entre os diferentes exercício em que promovamos a colocar-se no ponto de vista, no lugar socio cultural do outro, nem que seja minimamente, descentrar nossas visões e estilos de afrontar as situações com os melhores, os verdadeiros, os autênticos, os únicos válidos[...]Nesta perspectiva é necessário ultrapassar uma visão romântica do dialogo intercultural e enfrentar os conflitos e desafios que supõe. Situações de discriminação e preconceito estão com freqüência no cotidiano escolar e muitas vezes são ignorados, encarados como brincadeiras. É importante não negá-las, e sem reconhece-las e trabalhá-las, tanto no diálogo interpessoal como em momentos de reflexão coletiva e a partir das situações concreta que se manifesta no cotidiano escolar. (CANDAUI, 2008, p. 31-32).

Para que a mediação de conflitos e o reconhecimento das relações interculturais venham a ocorrer, os docentes devem ter uma formação continua, refletindo sobre sua ação docente com base em uma teoria, isto é, ressignificar a sua prática diária em sala de aula e em contextos que a sua formação de possível efetivação.

O PAPEL DO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DA ESCOLA

É o professor o agente principal da escola que atua sobre o processo de ensino e aprendizagem, é seu o papel de estimular a criticidade do discente na busca de uma educação transformadora, em o aluno seja protagonista na busca pelo conhecimento.

No entanto, é preciso levar em consideração o contexto social e a realidade de cada aluno, para a partir daí construir uma identidade com princípios e normas voltados para superar tanto os problemas cognitivos quanto sociais de seus educandos. Vale ressaltar que os professores não conseguirão mudar a realidade que estão inseridos sem o apoio da escola, pois é com o comprometimento de todos que irá acontecer uma transformação social.

Sendo assim, o professor não se constitui como profissional reflexivo sozinho, mas em interação com outras pessoas de seu convívio escolar e de outros lugares. Todavia, harmonizar um grupo com personalidades e dificuldades tão variadas parece uma árdua tarefa. Visto que, a escola é um ambiente de diversidade e contradições.

É fundamental que exista na escola um processo de reflexão de postura intelectual crítica, isto é[...]cuja reflexão é coletiva o sentido de incorporara análise dos contextos escolas

no contexto mais amplo e colocar clara direção de sentido à reflexão: um compromisso emancipatório de transformação das desigualdades sociais” (PIMENTA, 2012, p. 32). Com isso, podemos concluir que a atuação docente através da reflexão coletiva interfere na cultura organizacional da escola e a cultura na escola. E para que essa tenha consciência de sua própria cultura é preciso que exista um processo contínuo de reflexão.

A escola analisando a si mesma, como instituição de ensino e redirecionando ações para a solução de problemas do seu contexto. Dessa forma, haverá melhores condições no desenvolvimento de um ensino-aprendizagem de qualidade. Conforme Libâneo; Oliveira; Toschi (2006, p. 325):

A importância da busca de objetivos comuns assumidos por todos. Defende uma forma coletiva de tomada de decisões. Entretanto, uma vez tomada as decisões coletivamente, advoga que cada membro da equipe assumam sua parte no trabalho, admitindo a coordenação e a avaliação sistemática da operacionalização das deliberações.

É a reflexão que vai permitir aos professores avançar num processo de transformação da sua prática pedagógica a partir da sua própria transformação como intelectuais críticos, no entanto, é preciso que tenham consciência dos valores e significados que estão implícitos na prática docente e nas instituições. Segundo Perrenoud (2001) o professor deve ser um “praticante reflexivo” busca sempre revê mentalmente o seu trabalho a situação por ele organizada e vivenciada, ou que está sendo preparada. Isto é, a reflexão vai além dela mesma, ela vai caminhar para a leitura de uma reflexão constante, além de cotidiana, uma reflexão que caminha junto ao contexto existente.

De encontro com essa concepção Alarcão (2003) enfatiza que a reflexão é um processo coletivo que é essencial para a construção da identidade docente e para o seu desenvolvimento profissional, pois permite que o professor seja capaz de transformar sua prática e se constituir como sujeito autônomo que pode suscitar mudanças no contexto educacional. Para tanto, é necessário levar em consideração a diversidade e as origens da comunidade escolar, buscando conhecer a cultura e os anseios da mesma.

É através de relações com os outros e consigo mesmos que alunos e professores podem mudar seu contexto social, construindo uma nova identidade, colocando-se no lugar do outro e reconstruindo o espaço escolar. A troca de experiência entre educador e educando possibilita processos de comunicação, socialização e respeito às diferenças, assegurando uma prática pedagógica ética. A partir daí vai se construindo uma cultura e uma identidade própria da escola.

Bourdieu (1996) afirma que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última [...] uma está relacionada diretamente a outra, ou seja, a cultura é um elemento que nutre todo o processo educacional e que tem um papel de suma importância na formação de um indivíduo crítico.

É através de uma formação docente de qualidade que o professor poderá propor novas ideias fundamentadas em uma teoria condizendo com a realidade da instituição que está inserido. De acordo com Libâneo; Oliveira; Toschi (2006, p.19), “formar o profissional da educação exige um investimento competente e crítico nas ofertas do conhecimento da ética e da política”. Ao adquirir esse conhecimento, o professor terá a capacidade de analisar e discutir criticamente acerca dos contextos em que atua, bem como da habilidade de criar situações de observação, investigação e reflexão, e de movimentar e transformar os conhecimentos do coletivo.

Partindo desse pressuposto, Nóvoa (2009, p.40) acredita que uma formação deva gerar nos futuros professores “hábitos de reflexão e de auto-reflexão que são essenciais numa profissão que não se esgota em matrizes científicas ou mesmo pedagógicas, e que se define, inevitavelmente, a partir de referências pessoais”. Ao compreender o homem como ser ativo, criador e prático, que se transforma na medida em que transforma o mundo, pela sua ação material e social, Vásquez (2011, p. 187) afirma que: “Esse modo de articulação e determinação dos diferentes atos do processo ativo distingue radicalmente a atividade especificamente humana de qualquer outra que se situe num nível meramente natural”.

Dessa forma, é preciso que os docentes tenham uma formação que os proporcionem um desenvolvimento contínuo da aprendizagem, baseado em seu aprender na profissão docente e na construção de sua identidade, levando em consideração o contexto social que está inserido

Dessa forma, o papel do professor reflexivo, aquele dialoga com a epistemologia da prática, é saber que para além dos conhecimentos da sua formação acadêmicas, deve buscar entender o contexto no qual o seu aluno está inserido. Isso ocorre quando há a apreciação do professor com a reflexão coletiva e com a pesquisa, outro modo, a ação do professor pesquisador.

Os professores precisam saber o conteúdo acadêmico que são responsáveis por ensinar e como transformá-lo, a fim de conectá-lo com aquilo que os estudantes já sabem para o desenvolvimento de uma compreensão mais elaborada. Precisam saber como aprender sobre seus estudantes – o que eles sabem e podem fazer, e os recursos culturais que eles trazem para a sala de aula (ZEICHNER, 2008, p. 546).

O professor é aquele que lida com a escola, com os alunos e com a sociedade. Sua formação e suas ações são processos importantes para a emancipação crítica e política daqueles que fazem parte do contexto escolar. Para que isso ocorra de forma efetiva, podemos nos valer de importantes relações entre escola, professor e alunos, que vai desde uma proposta pedagógica que busque atender as demandas democráticas que nas escolas estão inseridas à valorização da cultura do aluno como forma de construir sua identidade.

METODOLOGIA

Desenho da pesquisa

Compreendendo o homem como um ser social que interage com o meio e outros seres, o conhecimento adquirido por este sobre a natureza das coisas e o comportamento humano vêm sendo constantemente acrescidos por pesquisas sociais que buscam, de forma sistemática, analisar e fundamentar racionalmente as relações desses indivíduos. Tomada a consciência histórica das ações e interações da realidade social em que o objeto de pesquisa se encontra, segundo o entendimento da concepção das Ciências Sociais, entende-se que as pesquisas sociais:

[...] possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, ela aborda o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações (MINAYO, 2002, p.15).

Nessa perspectiva, a pesquisa realizada buscou utilizar metodologias que possibilitassem a reflexão e a análise dos questionamentos propostos, como preocupou-se também com a relevância dessa discussão para o desenvolvimento do aprendizado de questões voltadas para os valores humanos. Conforme Gil (1999, p.51), “um problema será relevante em termos científicos à medida que conduzir à obtenção de novos conhecimentos.” Diante de tais implicações, os procedimentos técnicos de investigação dessa pesquisa compreendem-se nas etapas seguintes.

O planejamento e a execução dessa pesquisa seguem algumas etapas coordenadas, afim de trabalhar envolvendo estratégias e ferramentas que possibilitem a investigação dos conceitos e hipóteses discutidos anteriormente, de forma organizada.

O delineamento ocupa-se precisamente do contraste entre a teoria e os fatos e sua forma é a de uma estratégia ou plano geral que determine as operações necessárias para fazê-lo. Constitui, pois, o delineamento a etapa em que o pesquisador passa a considerar a aplicação dos métodos discretos, ou seja, daqueles que proporcionam os meios técnicos para a investigação (GIL, 1999, p. 64).

Dessa forma, classifica-se este trabalho como pesquisa qualitativa, pois há, no cerne de sua concepção, a preocupação em entender os significados e compreensão da realidade dos objetos aqui analisados. Tomando os objetivos gerais apresentados quanto à finalidade e ao nível em que se encontra, ela é classificada como pesquisa exploratória.

Coleta e análise de dados

Na etapa seguinte, buscamos construir um questionário com questões que possibilitassem uma visão geral dos objetivos, bem como a problematização presente no contexto dessa pesquisa. O questionário é classificado como aberto, com um número razoável de perguntas, julgado suficiente para posterior análise. Gil conceitua o questionário como

[...] a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc (GIL, 1999, p.128).

Dessa forma, os questionários foram aplicados e organizados seguindo com a separação de grupos, sendo estes os professores e o gestor (coordenadora fundamental I), que exerce sua função diretamente ligada a proposta desta pesquisa.

Quanto aos aspectos éticos, solicitamos à instituição autorização para realizar esta pesquisa. Explicamos o tema, os objetivos e os participantes de investigação do trabalho a ser desenvolvido. Foi dito também que as identidades dos sujeitos e da instituição seriam preservadas.

Local da pesquisa e sujeitos

O local escolhido para a realização da pesquisa foi uma escola particular localizada no bairro Parque Manibura, Fortaleza-Ce. Com o intuito de preservar a identidade da instituição, usaremos um nome fictício para mesma: Colégio Felicidade.

Há duas décadas a escola foi fundada no bairro com o intuito de contribuir para educação da comunidade ali existente, na pretensão de levar uma educação de qualidade. Desde de sua fundação em 1999, a escola vem crescendo paulatinamente, uma vez que iniciou suas atividades com a educação infantil, hoje, a escola contempla toda a educação Básica, da educação infantil ao Ensino Médio.

Na escola estão matriculados em torno de 900 alunos. Ela possui 55 professores efetivos. A escolha do lócus se deu pela quantidade de alunos (escola de grande porte), localizada na SER VI, essa que engloba uma quantidade maior de bairro de Fortaleza, havendo, portanto, uma maior diversidade cultural de alunos.

Como a escola atua da educação Infantil ao Ensino Médio, a pesquisa focou no Ensino Fundamental I, pois contempla a nossa área de atuação, pedagogo, além de ser o período em que as crianças começam a ter um maior contato e entendimento sobre o que seja cultura e a diversidade cultural. O critério de escolha dos participantes se deu pela livre vontade de contribuir para a pesquisa e a sua atuação no Ensino Fundamental I.

Os sujeitos da pesquisa foram dois professores e o coordenador pedagógico, esses profissionais que atuam de forma direta com o processo de ensino aprendizagem. O coordenador pedagógico é formado em Ciências contábeis e está cursando Pedagogia, possui dezoito anos de profissão. Os professores são pedagogos, possuem tempo de magistério em torno de 5 anos, período julgado como sendo suficiente para que esse profissional tenha vivenciado práticas relacionadas a temática da pesquisa, sendo conhecedores da cultura local. Os professores e o coordenador pedagógico terão suas identidades preservados, sendo identificados como: professor I, professor II e coordenador pedagógico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aplicado aos participantes identificados como professora I, professora II e coordenadora pedagógica, foi composto por cinco perguntas abertas, englobando questões sobre as práticas, as metodologias, a cultura escolar e a formação da entidade da escola.

Inicialmente questionamos acerca da concepção de cultura, obtivemos como resposta que a cultura está atrelada a formação de valores de uma comunidade, a ações coletivas do grupo e práticas coletivas que venham a sustentar e agregar conhecimento aos indivíduos. Diante das respostas obtidas, percebemos que professores e o coordenador vão de encontro a Marconi e Presotto quando definem cultura como “a totalidade e atividades mentais e físicas

que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social” (2010, p. 22). Além de uma organização social, cultura também é as ações que um grupo realiza dentro da sua comunidade.

A segunda questão procurou identificar de que forma os valores da comunidade local interferem na cultura da escola. Obtivemos respostas semelhantes, onde todos os participantes informam que a escola se beneficia com a cultura local, garantindo sua inserção nas ações de ensino e aprendizagem dos alunos, contribuindo, assim, na construção da identidade cultural da escola. A professora II ainda aponta que “a comunidade é beneficiária dos serviços educativos e sociais prestados pela escola”. Há na escola uma percepção de culturais locais, os professores bem salientam que na escola acontece o que chamamos de cultura na escola e cultura da escola, isso ocorre quando a cultura local interfere fortemente na escola, assim transformando a sua identidade e seus valores culturais. Segundo Silva (2006) essas relações de cultura na escola e cultura da escola, praticamente ganha um único significado.

Seja cultura escolar ou cultura da escola, esses conceitos acabam evidenciando praticamente a mesma coisa, isto é, a escola é uma instituição da sociedade, que possui suas próprias formas de ação e de razão, construídas no decorrer da sua história, tomando por base os confrontos e conflitos oriundos do choque entre as determinações externas a ela e as suas tradições, as quais se refletem na sua organização e gestão, nas suas práticas mais elementares e cotidianas, nas salas de aula e nos pátios e corredores, em todo e qualquer tempo, segmentado, fracionado ou não.

Acreditamos que toda cultura presente na escola também agrega valores a construção da identidade do docente e do discente, assim como contribui para uma formação integral e crítica.

A terceira questão indaga acerca do conceito de multiculturalismo e como esse contribui para construção da identidade da escola. Obtivemos como respostas que o multiculturalismo nada mais é do que as várias manifestações culturais em um determinado local, ou seja, o pluralismo e a diversidade cultural situada em um local. E para a escola a importância de manter as relações multiculturais é tornar o ambiente rico e diversificado, como reforça a professora II:

multiculturalismo refere-se à diversidade de culturas que formam nosso País. Este que contribui para a qualidade das relações no ambiente escolar, bem como para a formação de um pensamento pautado em valores como: respeito ao outro, valorização da cultura, conhecimento e compreensão de identidade, e convívio harmonioso com as diferenças (PROFESSORA II).

De fato, a multiculturalidade está atrelada as várias manifestações culturais. O multiculturalismo não é simplesmente um dado da realidade, mas uma maneira de atuar, de intervir e transformar a dinâmica social (CANDAU, 2008). Outrossim, essas várias manifestações culturais contribuem fortemente para a diversidade no que se refere a dinâmica entre as relações.

A penúltima questão procurou identificar de que forma a escola insere o contexto social do aluno no processo de aprendizagem. Diante dessa pergunta, surgiram respostas interessantes por parte das professoras e gestora. Todas relacionaram a cultura local ao planejamento, a um aprendizado significativo e a uma formação continuada. Acreditamos que, de fato, esses três elementos são fundamentais para o engajamento do aluno e seu contexto social para uma aprendizagem válida, que não aponte apenas informações, mas que também tragam sentido para o contexto no qual esse aluno se insere. A professora I ainda afirma que “os professores se organizam e planejam suas aulas prevendo reações e efeitos. Muitas vezes adaptando o conteúdo à vivência na escola”.

Podemos perceber que na escola ocorre a ressignificação do conteúdo alinhado ao contexto no qual o aluno faz parte, contribuindo com que o aluno seja também o protagonista do seu aprendizado. É de fundamental compreensão que possamos evolver os alunos nossos: planejamentos, em um aprendizado significativo e na formação continuada do docente. Mas para que isso ocorra de forma eficaz, a formação do docente é fundamental para tal processo. Concordamos que o ensino humanizado é aquele que pensa as práticas sociais em diferentes contextos, traz significados ativos ao aprendizado.

A quinta e última pergunta apresentada foi em busca de verificarmos se existe e quais são os projetos pedagógicos e práticas cotidianas voltados para a identidade cultural da escola. De acordo com as participantes da pesquisa, há projetos voltando para a identidade cultural, que vão desde as tradições locais, como festas e datas comemorativas, como também voltados para o incentivo à cultura através das feiras culturais. Isso é importante não para a escola que entram com uma perspectiva lúdica de docência, mas também para direcionar a visão do “eu” para o outro.

Todas essas atividades voltadas para ação coletiva, seja ela uma prática social, seja curricular são de suma importância para a valorização da cultura local. No entanto, para que sejam ações transformadores requer profissionais qualificados e capacitados que consigam trabalhar com atividades culturais numa dimensão macro, englobando aspectos lúdicos que contribuam diretamente para o processo de maturação da aprendizagem. De acordo com o

Perrenoud (2001) [...] conhecimento através de atividades lúdicas, criativas e significativas, tornando os alunos sujeitos participantes, e críticos na sociedade que estão inseridos.

Verificamos que a reflexão e o grande conhecimento que a escola carrega consigo, quando o assunto é a construção cultural, se fazem presente por todas as falas dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, foi possível verificar a cultura escolar na construção da identidade da mesma, como também pudemos perceber como a cultura se faz presente no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, percebeu-se o engajamento e a consonância do trabalho pedagógico exercido por professores e demais indivíduos da comunidade escolar na defesa e difusão de uma educação cultural e contextual do aluno. Conhecemos a visão dos educadores, como também os documentos, ações e projetos que fomentam e dão fundamento ao currículo educacional e às práticas dessa escola.

Percebemos ainda, que dentro da organização e cultura dessa escola, são defendidas e difundidas às diferentes formas de cultura, garantindo então uma boa relação entre professor e aluno, contribuindo para uma educação de qualidade e para a construção da identidade da escola.

A concepção de multiculturalismo se faz presente na fala dos sujeitos, sendo inserida nas ações culturais desenvolvidas na escola, através de projetos, intervenções pedagógicas voltadas ao comportamento sociocultural também através do diálogo, semanas culturais e projetos sociais. Tais atividades são realizadas através de ações voltadas para a dimensão de formação da aprendizagem aluno são constantes no fazer pedagógico dessa escola.

Compreendemos que cultura escolar é uma forte influenciadora na formação social, crítica e emancipatória no aprendizado do alunou, uma vez que esse é tomado como fundamental para uma sociedade na qual haja indivíduos ativos, conscientes e críticos, capazes de intervir de forma construtiva e benéfica. Entendemos ainda que professores em suas práticas pedagógicas, exercem a incrementação de uma práxis, uma leitura e releitura de suas ações.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez, 2003.
BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

- CANDAU, V.M. Multiculturalismo e educação: desafios para prática pedagógica. In: MOREIRA, A.F. _____, (Orgs.) **Multiculturalismo: diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. P. 13-37.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, M. P. **Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- JULIA, D. La culture scolaire comme objet historique: 1995. Traduzido por Gizele de Souza: **Revista brasileira de história da educação**, Paraná, n.1, jan/jun. 2001.
- LIBÂNEO, J. C. OLIVEIRA, João ferreira, TOSCHI, mirza seabra. **Educação escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo, Cortez Editora, 2006.
- MARCONI, M.A; PRESOTTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. 7.ed. Atlas. São Paulo: 2010.
- MINAYO, M. C. S. (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- NÓVOA, António. **Professores Imagens do futuro presente**. EDUCA Lisboa. 2009.
- PERRENOUD, Philippe *et al.* **Formando Professores Profissionais**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- PIMENTA, S.G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: _____. GHENDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. ed. São Paulo: Cortez. 2012. P.20-62.
- RAVEAUD, M. Multiculturalismo. In: ZANTEN, A. V. (Coord.). **Dicionário de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. P. 592-597.
- SILVA, F. C. T. **Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa**, Educar, Curitiba, n. 28, p. 201-216, 2006.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Filosofia da Práxis**. 2ª ed. Rio e Janeiro, Paz e Terra, 2011.
- ZEICHNER, K. M. **Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente**. Traduzido por Júlio Emílio Diniz-Pereira. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/es/V29n103/12.pdf>. Acesso em: 21.set.2019.